ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
18. FEVEREIRO. 28
PREÇO 1$500
Nº 11

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás quintas-feiras, em São Paulo

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.o andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$500

GERENTE

Horacio K. de Andrade

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

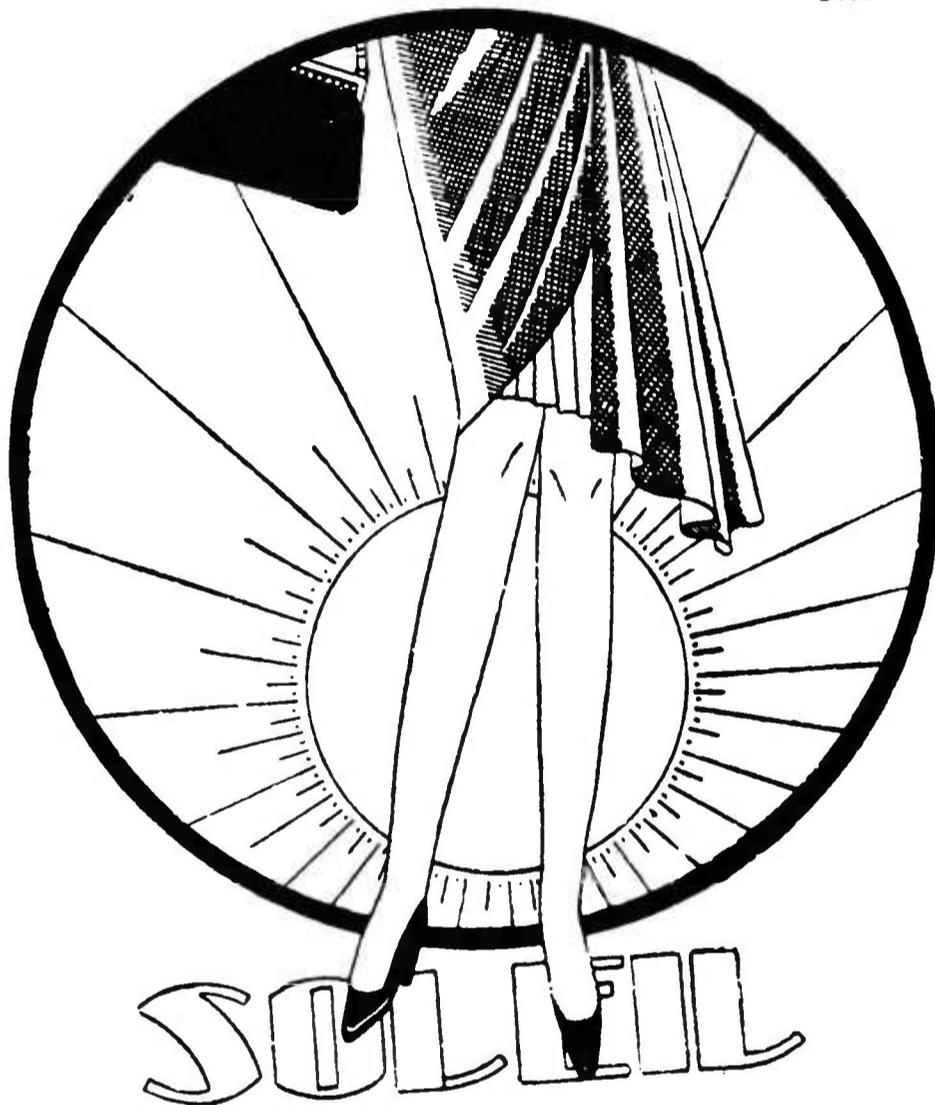
ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Carnaval... illusão!

No Carnaval a creatura satisfaz o seu desejo de ser o que preferiria, ou, pelo menos, de ser o que não é. O pobre veste-se de rei e assim illude o seu sonho; o rico enfia roupa esfarrapada e mette-se em logares, onde sem mascara nunca entrou; a mulher feia põe no rosto o mysterio attrahente de uma tira de velludo negro e a bonita escolhe, brincalhona, uma carêta de espantar. Noto desejos e extravagancias horriveis: gilvazes sinistros, carões de apaches. Durante esses tres dias cada um veste uma outra personalidade, quando não expõe a propria habitualmente occulta. O grande attractivo do Carnaval está nesta *metempsychose* Phantasiados de *outros* procuramos sentir de um outro modo. fugindo de nós mesmos.

MURILLA TORRES

A'S SENHORAS — Interessa

A mais perfeita e duravel meia de seda nacional.

Tem havido grande impulso e mesmo attingido a um elevado grau de perfeição a industria nacional de meias. A nós, que somos os maiores vendedores de meias em São Paulo, cabia o direito de corrigir certas irregularidades de fabricação.

Longos estudos e experiencias temos empregado para conseguirmos uma qualidade de meia que supplantasse todas as outras, pela qualidade, acabamento e durabilidade.

Felizmente fomos coroados de exito, com a MEIA DE SEDA "SOLEIL" a mais perfeita meia de seda para senhoras.

As meias de seda "SOLEIL" já são as preferidas pelas senhoras da nossa sociedade.

A acceitação que tem tido a nossa meia "SOLEIL" é unica e exclusivamente devido á sua excepcional qualidade que é tão duravel e perfeita como a estrangeira.

Meias de seda "SOLEIL", com reforço, côres da moda, sem baguette.
Par **13$500**

Meias de seda "SOLEIL", reforçadas, com baguette ajour, côres da moda.
Par **16$500**

Meias de seda "SOLEIL", a mais duravel e inteiramente de seda, com baguette ajour, côres da moda.
Par **22$500**

"SOLEIL" é meia de nossa exclusividade.

GARANTIA: Trocamos cada par que nos fôr apresentado com defeito da fabricação.

Schadlich, Obert & Cia. Rua Direita, 16-20

PROSA DE BONECA...

— Sou um brinquedo.

— Isso estou vendo eu: és um boneco.

— Boneca, se me faz favor. E' preciso não confundir.

— Vá lá. Mas, afinal, o que queres?

— Contar-te uma historia.

— Contanto que seja breve.

E ella começou a narrar com a sua voz monotona, dando a impressão de tristeza humana.

— Fui feita ás pressas para exportação. Atravessei o oceano — pois sou franceza — e aqui chegando, depois de um longo encaixotamento, me puzeram numa "vitrine" da rua Sete, ao lado de um enorme urso preto. Não sei se pela minha belleza, se pela feiura do urso, o facto é que, nessa mesma tarde, fui olhada demoradamente pelas meninas, que passavam. Uma dellas, uma linda moreninha, resistiu á vontade materna e parou, franzindo as palpebras, naturalmente para ver-me com maior nitidez. Sorri-lhe e ella me sorriu, tão apaixonadamente, que a sua mamãe me comprou. Meia hora de automovel macio e eu penetrava num rico palacete, á beira-mar. Nessa noite, fui apresentada ás creanças da vizinhança, muito acarinhada, passeei do Posto 4 á Igrejinha e, só ás dez horas, estava entre lençoes perfumados, numa cama fofissima, como eu não conhecia. E minha mamãe foi crescendo, ficando cada vez mais bonita, sempre muito minha amiguinha.

Puxas o relogio? Tens pressa? Vaes sahir?

— E' claro. Conclue a tua arenga, porque, do contrario, ficarás falando sózinha.

— Eu acabo já. Um dia, depois de um baile, vi minha mãe muito triste e soube — porque ella me disse — que elle a enciumára, namoriscando uma prima. Pazes feitas, casorio luxuoso e, tempos depois, appareceu-nos — dizem que tambem de França — um bonequinho, muito vermelho, muito inquiéto, esfomeado, sempre a choramingar, roubando-me o collo de mamãe, que lhe dava os beijos que eram meus, que o afagava com frenesi, que o olhava a sorrir demoradamente, em extase, esquecendo-me a mim, abandonada a um canto, soffrendo em silencio a minha tristeza. Que tu, meu bom amigo, não sintas nunca a dôr do abandono. Zelia, a querida Zelinha, de outros tempos, tão mimada, não valia mais nada, porque surgira o tal Paulo, berrador e mamão..

— Mas, ainda hoje falas com despeito?

— Pois se elle era em tudo inferior a mim. Mais feio, menos educado, muitissimo menos asseiado e, alem do mais, eu nunca fiz mamãe chorar. Ao passo que elle, um dia — e mamãe chorou tanto nesse dia! — quebraram-se-lhe as molas e elle ficou sem movimento, paradinho, por mais que mamãe, como doida, o sacudisse e o chamasse gritando, a beijal-o muito, muitas vezes. Cobriram-no de flores e o carregaram, talvez para uma loja de concertar bonecos. O que sei é que nunca mais voltou...

— Tem paciencia, minha boneca, mas, conta-me o resto depois. Laurinha me espera. Até logo.

— Olha: dize a tua Laurinha que, mais tarde, quando casar, não queira um bonequinho articulado. Nós, as bonecas de panno, nunca fizemos chorar as nossas mães.

Mario L. de Castro

Cartas de João d'Ether

João d'Ether é um homem que teve pretenções literarias!

Secretario de Embaixada, em Paris, elle estragou por lá a saude do corpo e do espirito. No Brasil elle concerta aquella e, solitario, descrente de si mesmo, vive numa sitióca, em Campinas, cultivando legumes e classicos. Elle não comprehende o modernismo tendo em horror a inquietude intellectual dynamica de nosso meio. E' preciso lamentar João d'Ether e perdoar-lhe o scepticismo cynico; porque elle é bom, é simples, ingenuo e sincero, embora deteste a sinceridade.

Esta sua primeira carta já foi publicada em um jornal academico que nol-a cedeu, com as outras mais, por se accordarem melhor com o feitio de uma revista.

PEDROSO D'HORTA

*
* *

Meu caro amigo,

Ahi vae a primeira carta que escrevo de meu sitio; o primeiro crime que commetto após a minha sábia resolução de plantar legumes. Escrever é pensar; é juntar uma gotta d'agua ao oceano das duvidas humanas. Porque, desgraçadamente, eu não me julgo capaz de possuir a verdade e tudo quanto digo condiciona um "talvez" suppõe um pallido "é possivel".

Enfim, neguemos o livre arbitrio e façamos, por conta de um Jeovah qualquer, o desapontado balancete dos "Homens.. Mulheres e Amores" promettido ha tanto tempo.

Entre as poucas cousas agradaveis que o Codigo não se arroga a petulancia de nos prohibir está o se maldizer das mulheres. O que é sabio, humano e justo.

Sem esse cauteloso esquecimento o seu destino encerraria a tragedia do puritanismo, o doloroso dos apostolados, o ridiculo das reformas mal pesadas. Elle seria, ou pisado, ou cuspido; e o Codigo, positivamente, não está para essas canceiras. Elle é um Senhor grave, barrigudo de mil e tantos artigos, profundo e convencido.

Cheio de rheumatismos e myopias, portanto impertinente, muito se lhe deve desculpar. Elle nasceu velho como todas as collectaneas de preconceitos e senso commum, o que justifica a sua covardia. O senso commum mostrou-lhe que não poderia alargar, ao infinito da volubilidade masculina, as obrigações femininas de amar. A covardia insinuou-lhe que seria perigoso tolher a expansão muito honesta da mascula fatuidade. E o Codigo prohibiu que se falasse mal de uma mulher; fale-se das mulheres. Machiavelico? Não... pobre Codigo! Escutaste apenas um prudente instincto de conservação. Foste covarde, que importa, a covardia é humana!

Aliás elle não monopolisou para os homens a doce compensação; deu-a igualmente, e sabiamente, ás mulheres. O que é natural; repulsa, em relação de sexo para sexo, objectiva generalizações pouco amaveis. Nada, realmente, nos paga tão bem de uma pequenina paixão illudida quanto meia duzia de observações maldosas atiradas á paciencia de um amigo infeliz. Não poupamos e não somos poupados. Liberdade e Igualdade.

A differença está no ardor combativo do homem e tristeza morna da mulher, ou melhor, da moça. Aquelle impreca, é brutal, embebeda-se, e, aos poucos, com o alcool ingerido, vomita as raizes mais fundas de uma paixão immorredoura.

Lê Vargas Villa, ou não lê, mas cita.. e modifica a expressão imbecil de Schopenhauer para — "a mulher é um animal de cabellos e idéas curtas" Na mulher enganada tambem ha pruridos de revolta; pruridos. Ella verifica, o mais das vezes, que o peior no desprezo é a perspectiva do desprezo. A virgem soffre enormemente mais porque o seu soffrimento é melhor, é doce, é bom. Dá-lhe o conforto delicioso de uma superioridade indefinivel, vaga, mansamente voluptuosa. Ella sente-se mais pura, mais ideal, mais romanesca. Por isso suas queixas são menores, imprecisas, quasi gratas!

"Ah. os homens... os homens!.

E fica nisso. Mesmo porque a educação faz do remorso uma especie de obrigação moral e as desillusões são justificativas acceitas por qualquer consciencia. de bôa vontade. Cahe em desuso, pouco a pouco, a velha praxe de afogar ciumes em sangue alheio e a humanidade vive, compassadamente, uma idade tão insipida quanto as outras.

Os homens, em geral, são insupportaveis quando amam!

A exclamação, meu caro, é apenas admirativa da restricção. Nós somos normalmente intoleraveis. Uma fatalidade organica nos arrasta á sinceridade; ao "étalage" de miserias desinteressantes e desagradaveis.

A franqueza é a tuberculose das amizades. Ella não é má e sim prejudicial. E' tão bom ter-se illusões.

Enfim. eu dizia que os homens são insupportaveis quando amam. Ha os que entornam seus amores pelos "bars", pelos "dancings" tyranicamente, exhaustivamente. Roubando-nos o somno, o bom humor, o prazer de uma noite fria, para, barbaramente, louvar a banalidade de um cravo, de um olhar, de um beijo.

E o primeiro encontro, e o segundo encontro, e o terceiro, e o quarto, e o quinto, incansavel, impiedosa, abusivamente. Afinal que representa tudo isso sommado na vida de um homem? Possibilidades maiores de uma desgraça maior. Ha os apaixonados casmurros que juntam tostões para o enxoval, que têm vergonha de amar. Ha ainda os egoistas de suas sensações, martyrisados de um dia, mudos e distrahidos. Poucos amam naturalmente como se come, como se dorme.

Para a mulher o amôr é menos custoso. Mais toilletes. melhores freios aos instinctos.

O mais é de todos os dias: sonhos e confidencias dôces. A's vezes, porém, nem sonhos, nem confidencias dôces, mas a amarga explosão de raivas amorosas e musculos amestrados.

E hoje fico por aqui, enviando-te um abraço em que ha tanto de saudade quanto de preguiça.

JOÃO D'ETHER

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos **Motivos de Proteo,** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **Ariel.** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.*

Ricardo,

Amámo-nos? Não. Eu te amei com todo o ardor de um sentimento que, tão grande e tão puro, por certo redime e purifica; eu te amei com toda a singeleza de um coração ainda virgem de emoções!.

Confiante e cheia de fé, depuz, nas tuas mãos de sacrilego, o melhor da minha vida: a minha radiosa mocidade em todo o seu esplendor! E tu? Tu, que tudo promettias e que, jurando, me enganavas, olhando indifferente para todo este thesouro, por tantos cubiçado, e, pequeno grão de areia para as tuas ambições donjuanescas, proseguiste, esquecido de tudo, no teu caminho de luctador jamais vencido; mas. acautela-te, pois a lucta no campo de Venus é tão séria e tão arriscada como no campo de Marte e. . Napoleão tambem foi derrotado um dia! Como são mal partilhados os bens da Natureza pela humanidade insatisfeita! A fortuna que os desherdados ambicionam, esbanjada pelos perdularios da felicidade!...

Apesar de todos os esforços para desmentir a inconsequencia do coração feminino, caio na sua confirmação, querendo odiar-te no momento, em que faço esta confissão que me pende dos labios sobre este papel incapaz de apadrinhar o meu orgulho machucado, e que ao contrario te grita aos ouvidos as desordens do meu espirito.

Embora tudo, embora o muito que tenho soffrido e que offereço em holocausto ao mais elevado sentimento affectivo nesta época de revoltante materialismo, confesso que o meu coração, vestido á 1830, nunca deixou de te querer, e que, prompta a tudo perdoar e cheia de saudade, evóco o nosso pequenino passado, que foi toda a minha vida, a minha tortura e o meu prazer! Porque não havemos de preencher com beijos a reticencia com que um pueril arrufo pontuou o mais bello capitulo do nosso encantador romance, e, relembrando, um por um, os dias de amor e de loucura, prolongar a festa da felicidade, até que, tremulos e velhinhos, com os corações gelados, possamos ainda na communhão de um beijo feito de ternura e de saudade, dizer adeus ao mundo que nos ensinou a amar e a soffrer! Responde sem demora á tua

STELLA DULCE

ARIEAVIM
PUBLICAÇÃO SEMANAL EM S. PAULO

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I 18 DE FEVEREIRO DE 1928 N. 11

A GUERRA DOS LITERATOS

Surprehendi este dialogo, ha dias, num dos cafés do Triangulo, entre dois moços, ambos morenos, ambos trajados de preto. Um, o mais gordo, de face glabra, lunetas com aro de tartaruga, dirigia a palestra, fingindo falar com o outro, de bigodinhos cortados á moderna. Fingia apenas, porque na realidade estava dando uma lição a todos os possiveis ouvintes que, como eu, carecessem de suas luzes:

— A guerra dos literatos? Não percebo. Que vem a ser?

— Isto: os literatos nacionaes têm sobre o lombo um pesado fardo. E' o seu proprio nome. Já ouviste falar de Sisypho, um máu sujeito da mythologia, que foi condemnado, no inferno, a empurrar uma grossa pedra para o cimo de um morro? A' medida que elle o alcança, o monolitho torna a rolar para baixo e o desgraçado tem de começar a infindavel tarefa. Pois bem, os nossos literatos são uma especie de novos Sisyphos para peor. A pedra que elles levam ao alto do seu calvario são os artigos que elles escrevem pelo menos semanalmente.

— Bem, mas não vejo correlação entre o tal senhor Sisypho e os artigos. O homem estava condemnado e tinha de cumprir a pena. Os escriptores não o estão.

— De accordo. Logo, Sisyphos voluntarios — o que, a acreditar em Victor Hugo, deve augmentar o soffrimento. Como, neste paiz, literatura é de graça — e, cordialmente, admira haja tantos analphabetos, havendo tanta gente disposta a illuminal-os gratuitamente — a unica explicação plausivel do afan dos literatos, é o esquecimento do nome por parte do publico. Ora, o publico, nestes tempos, premido de todos os lados com o pão de cada dia, não tem lazeres para guardar os nomes dos que diariamente vêm preencher as impreenchiveis lacunas das letras indigenas. Guarda os mais retumbantes. Guardou o do Ruy porque estivera no exilio e fazia discursos contra o governo, no que se não parecia com nenhum politico; guardou o de Bilac, porque o poeta sahira da sua calma de inspector escolar aposentado para vir prégar uma cousa de que o nacional quer a maxima distancia; guardou o de Euclydes, pela tragedia em que o creador dos "Sertões" se viu envolvido; guarda, emfim, uma meia duzia de nomes contemporaneos desde que tenham um traço a mais alem do literario. Dos outros pode bem ser que lhes leia as producções, mas confunde os donos. Eu já encontrei, no album de uma professora, o conhecido soneto de Julio Salussi, "**Os cysnes**" com a assignatura de Olegario Mariano e a "**Agua corrente**", deste ultimo, attribuida a Julio Dantas. Durante muito tempo, no meu bairro, "**O Christo de Marfim**" de Anthero Bloem, teve sempre a autoria de Anthero de Quental.

— Dahi?

— Dahi os literatos precisam lutar contra esse esquecimento, que é uma especie de attestado de obito em vida. Urgidos pela actividade mental dos outros paizes, onde a vida intensa especializou o trabalho, a ponto de crear a literatura remunerada, espicaçados pelo amor proprio, mas ao mesmo tempo tolhidos pelo labor quotidiano, os nossos escriptores esfalfam-se numa luta gigantesca. Só assim se explica esse extraordinario florescer da literatura ligeira num paiz que não sabe ler e só assim se justifica a mingua de obras de folego que vae por ahi.

— E só assim — rematou o moço de bigodinho — se comprehende o extraordinario numero de **non-senses** que anda editado por ahi..

— Tambem. Pondéra, comtudo, que é razoavel. Elles não têm á porta, como nos bons tempos do Eça, o ranger das botas do empregado do jornal que espera as tiras, afim de as levar á typographia. Mas têm a concurrencia desleal de todos os outros collegas seus, nacionaes e estrangeiros, os primeiros dos quaes não perdem vasa para se exhibir o mais a miudo que podem, certificando os leitores de que ainda não morreram.

— Sem contar que não falta quem costuma traduzir trechos de obras alheias e arrumar-lhes, por baixo, a assignatura.

— Expediente, aliás, muito do meu louvor, pois, si não obsta á producção dos **non-senses**, tem a vantagem de não esperdiçar tempo, de não obrigar os outros a pensar e de nos servir uma asnice requentada. E um **non-sense** de segunda mão é, sempre, uma cousa muitissimo respeitavel.

Aqui o homem glabro entrou no terreno franco da maledicencia. E eu sahi.

SUD MENNUCCI

MASCARA DE COLOMBINA DE «GUIGNE»

— Allô!
— Quem fala?
Está o dr. F.?
E uma voz quente, bem tymbrada:
— Dorme ainda, minha senhora. Quer deixar o nome? E' o irmão delle quem a attende.
— Obrigada. Telephonarei mais tarde.
— Como queira.

* * *

Uma hora depois:
— E' F. quem está no apparelho?
— Justamente. Você como passa, minha adoravel amiguinha? Muito fatigada, não?
— Nem tanto. E você que pretende fazer hoje?
— Não tenho programma.
— Felizardo! Disponivel, então?
— Desconheço outro estado.
— Preciosa ignorancia! Procure conserval-a. Póde ficar á minha disposição?
— Para servil-a como escravo.
— Que doce vassalagem! Não a recuso; sei do prazer que lhe darei requisitando-o para meu cicerone. Desejo tanto visitar a cidade.
— Que vida, que enthusiasmo na sua voz! Calcúlo como será quando a conhecer **in totum**.
— E levada por você, o que não é pouco. Procure-me ás 2 horas, certo?
— Porque tão tarde? Os minutos na sua companhia são preciosidades raras, dádivas do céo. São.
— Chega! deixe as declarações para mais tarde. Isto de revelações sentimentaes por um fio não vae. Prefiro-as de viva voz. Prepare-se e venha.
— Impossivel mais cedo? Falta tanto tempo ainda, santo Deus! Veja em que ansiedade me vae deixar. Faz mal ao coração e o meu anda tão fraco, tão avariado.
— Pudéra! Admiro-me que ainda o possúa um D. Juan da sua marca... Bom. Seja pontual. Não admitto nos outros os meus defeitos. E' esta, aliás, uma das minhas mais nobres qualidades. Até logo.
— Até ás 2, já que assim o ordena.

* * *

— !...?..
— Mano, sua curiosidade não tem o minimo fundamento. Trata-se de uma amiguinha muito distincta e de cuja mãe sou medico. A velha, sempre doente; a moça, como é natural, gostando de passear, solicita minha companhia o que só me pode envaidecer. Ahi está.
E o irmão mais velho, mais experimentado:
— Ahn! não precisava explicar.

A' tarde, no Triangulo:
— Vamos ao chá da Casa Allemã? E' o ponto de reunião do "grand monde".
— Sou hoje uma céga nas suas mãos. Conduza-me.
— Que pena não ser esse o seu estado normal!
— Cuidado com o sentido dubio das palavras!
— Maliciosa! Espera, ahi vem meu irmão.
— Apresente-m'o. E' curiosidade das que, nesta terra, mais me tenta.
— Perversa!
O mano, porém, passa rapido. Vae á Bolsa, é "l'homme des affaires". Como tal, não perde opportunidade. Passa, mas na physionomia expressiva estampa a curiosidade e, no sorriso disfarçado, no olhar brejeiro, trahe o que lhe vae pelo cerebro.

* * *

A' noite:
— Que pena F.! Nem tempo tive para reparar si a moça é bella.
— Quando quizer poderá conhecel-a.
— Socegue. Não receie a concurrencia. Sou casado, exemplar chefe de familia.
— E de brado d'armas.
— Calúda! ahi vem minha mulher.

* * *

Na manhã seguinte:
— Para ir daqui á igreja de S. Bento o melhor itinerario é pelo Parque Anhangabahú, Viaducto do Chá.
— Seja.
— Aqui é a Praça do Patriarcha. Naquelle grande edificio fica o escriptorio de meu irmão, lá no alto, reparem.
— Este seu irmão deve andar no mundo da lua.
— Oh! será possivel? O que, homem! Perdeu o rumo? Si é tão desorientado porque não usa uma bussola?
— Qual bussola! E' este mano, sempre este mano que me desnorteia e a quem procuro desnortear tambem, mas, desta vez.
— Que delicia! Desta vez, apresentação forçada.
— E o diabo da mentira?
— Ora essa, arranje meio de se sahir della.
— Difficil. Não ha tempo para raciocinios, fui apanhado, olá si o fui!
— ...
— Meu irmão, apresento-lhe Mme. e Mlle. F....
— !. ? .. Mãe e filha?
— Sim.
— Espantoso! Gemeas, então?
"Tableau"!

MARIA JOSE' FERNANDES

Uma linda veranista na praia do Leblon.
Vendo-a, a gente sente uma raiva doida do destino que não pôz praias em S. Paulo.

"Arlequim" em Pirassununga.
Maria Cecilia, galante filhinha do nosso presado collaborador sr. Mello Ayres.

As quatro creanças premiadas, vendo-se, entre ellas, Marina Monteiro, que mereceu o "Premio Arlequim", tendo no braço a boneca de Lenci, que lhe foi por nós offerecida.

Dizer que constituiu enorme successo a vesperal infantil organisada pela Sociedade Harmonia e levada a effeito nos salões do Trianon, na tarde do dia 14, é inutil e desnecessario: todas as festas daquella aristocratica Sociedade, que acolhe no seu seio o que S. Paulo possue de mais fidalgo e culto, revestem-se sempre do mesmo brilho. Damos, a seguir, varios aspectos daquella reunião, onde "Arlequim" poude apreciar, mais uma vez, o grande carinho com que já o envolveu a alta sociedade de S. Paulo.

Marina Monteiro, que se vestiu de Boneca de Lenci. Lindinha, lindinha, "Arlequim" ficou muito satisfeito de que fosse ella a vencedo.

A creançada que se divertiu a valer.

Pequenininha, pequenininha! Moreninha e de olhos grandes.

"Arlequim", revista de actualidades.

Mais quinze annos e esta hespanholinha estará enchendo o coração de muita gente.

Fantasiou-se de "Arlequim", revista de actualidades. E, gentil

como Arlequim, galanteador e "blagueur", derrama o perfume frio do seu Rodo sobre uma morena, que se encheu, tambem, de losangos.

Um lindo grupo de creanças

Nem só a gente grande sabe fazer pose para a objectiva. Reparem nos "olhinhos mortos" com que estas pequeninas se deixaram photographar...

Mais creanças !

Uma que já sabe sorrir com donaire

Uma das mais pequenininhas que foram ao Harmonia. Que gorduchinha que ella é!

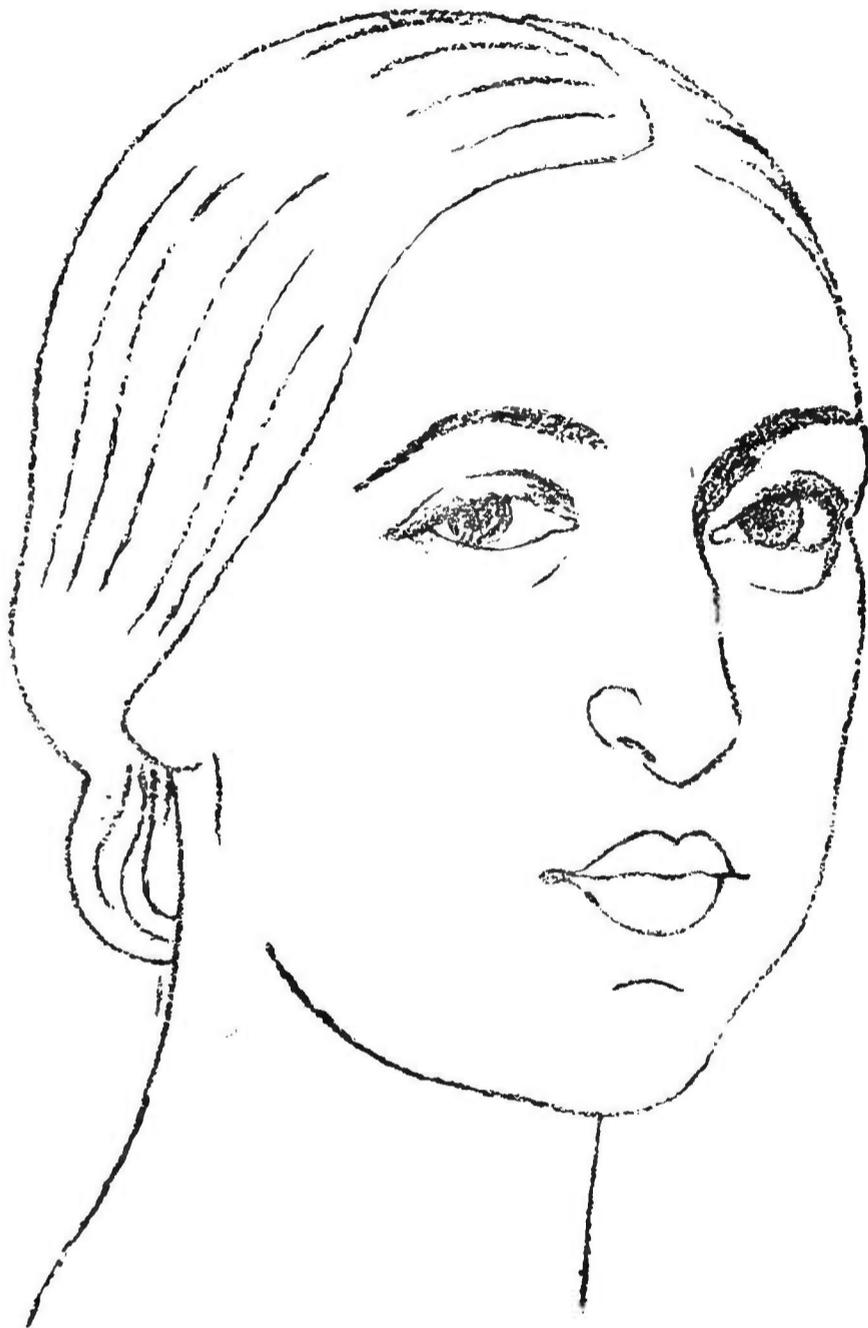
Uma, duas argolinhas... O rapaz que jogo faz? E que vontade a gente tem de ser creança.

As creanças que estiveram presentes no Palacete Taçayndaba, na vesperal infantil organisada pela sra. Poças Leitão

Aspecto da festa que o Club Tieté fez realizar nos salões da Casa Mappin.

As cinco fantasias premiadas na vesperal infantil organisada pela sra. Poças Leitão.

Quem disse que só foram creanças ao palacete Taçayndaba? Pois a objectiva de "Alequim" não está provando o contrario? Provando coisa alguma! Pois não são estas tambem duas creanças?

Letinha Castro. Fantasiou-se de sanfona e foi certamente uma das mais bellas fantasias que estiveram no palacete Taçayndaba. Se Letinha fosse maior, "Arlequim" faria um elogio aos seus olhos...

EVA PACI

Contessina Eva Paci. Apresentou-se quarta-feira passada á sociedade de São Paulo. Disse, no Theatro Municipal, versos encantadores de poetas italianos e francezes. Eva Paci é, com certeza, das declamadoras mais illustres que já nos tem visitado. E' muito moça e tem talento, muito talento! E' perfeita quando interpreta composições de Alighieri, Ada Negri, Palazzeschi, Corazzini, Rostand, D'Annunzio. Eva Paci é ella mesma: sem influencias alheias, a sua arte é toda feita da sua voz, do seu sorriso, dos seus grandes olhos, da sua sensibilidade exquisita. Pena é que todo São Paulo culto e elegante não tivesse ido vêl-a e applaudil-a. Mas irá, com certeza. Eva Paci deve levar comsigo a affirmação de que não somos uma terra de gente pouco artista...

Mesmices... Mau gosto...

O historico das patrias através â galhofa ***univers***
Os que vemos todos os annos, em todos os ***climas,***
Não será tempo de explorar outros motivos ***meno***

...Fantasias de carnaval...

...al de Momo.
... repetirem os mascarados immutaveis.
...s velhos?..

Além de tudo é poeta
E o melhor dos trovadores,
Por isso mesmo architecta
Com sua penna de estheta
Retratar algumas flores.

Pois elle conhece a fundo
As flores da Paulicéa,
Que, no seu saber profundo,
São as mais bellas do mundo
Como ninguem faz idéa!...

— No S. Paulo Tennis dansa.
Os seus olhos — que lembrança! —
Parecem dois pyrilampos!
E tudo o que idealiza
Diz em verso.. é poetisa!
Não é? Francisquinha Campos?

Tambem nos versos se anima,
Com romantismo na rima
Do enredo sentimental.
Por isso Isar Amaral
Daria um prazer sem fim
Se os désse para "Arlequim"!

Moreno é o tom que domina
Que mais encanta e fascina
— Belleza que não desbota!
Além de linda é morena
A silhueta pequena
Da gentil Marina Motta.

NUM MAR DE ROSAS...

Eu agora não sei como,
Já não sei o que fallar,
Porque o nosso amigo Momo
Após um festivo assomo
Resolveu tambem rimar!

A rima do rei do riso
Tem alegria e tem sons!
Tem o sabor do improviso
Tem arte, chocalho e guizo
E côres de varios tons!

Na Folia elle se agarra
Fazendo á Tristeza guerra!
Na sua grande fanfarra
Vive a zombar da bizarra
Catonice cá da Terra..

Faz vibrar a Capital
Com sua estonteante esturdia!
E com seu sceptro jovial
Vira tudo em Carnaval
Em algazarra e balburdia!

E durante o seu reinado
Domina de norte a sul!
E o viver — fardo pesado —
Fica logo transformado
Num perfeito lago azul.

Tem no "mignon" toda a graça!
A intelligencia é de raça!
Os olhos de mel — são bellos!
O seu sorriso é jocundo!
E a gente esquece do mundo
Ao ver Zozó Vasconcellos!

Não tenho lyra, não tenho...
Nem verso, nem mesmo engenho,
Nem rima rica, nem arte,
Para cantar na poesia
O bello que se irradia
Da bella Ruth Duarte!

Lygia Junqueira dizia
Amar a Philosophia
Que nos ensina a pensar.
E eu digo que seus olhares
Parecem dois verdes mares
Nascidos para encantar!

Oh! Flavia Souza Pereira!
Quando pela vez primeira
Os seus encantos eu vi,
Eu disse com meus botões
Que todos os corações
Palpitariam por si!

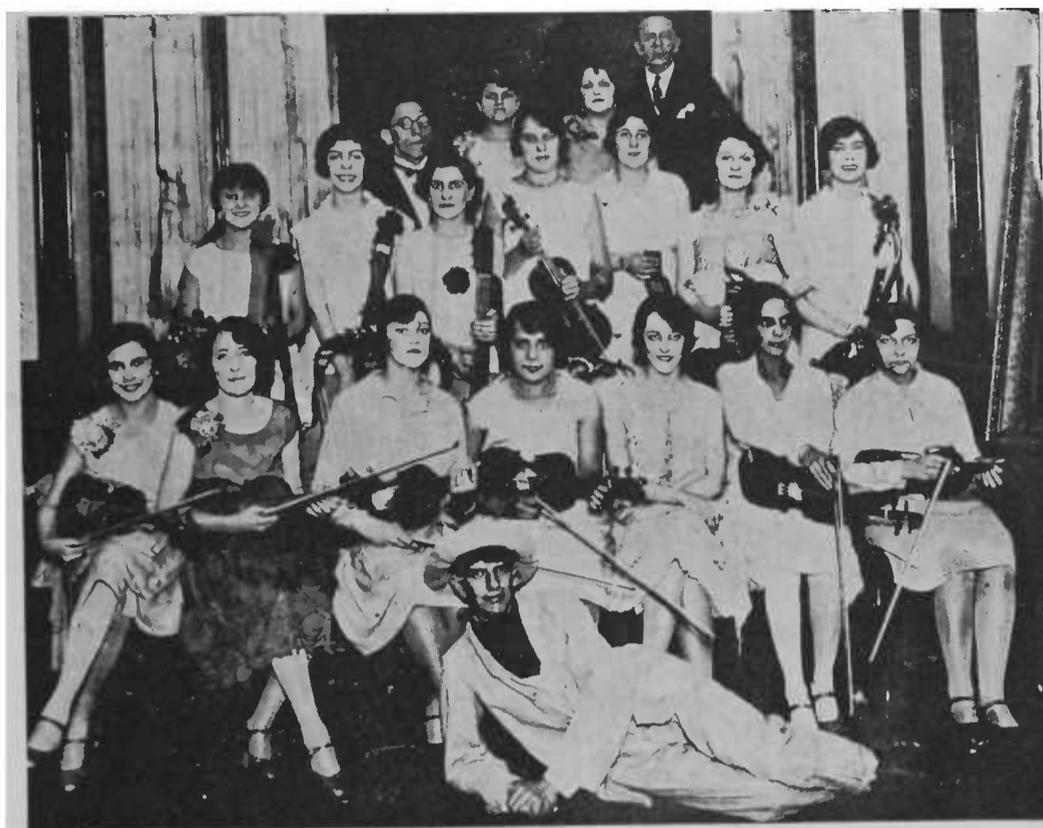
DR. FELIX

Lindos aspectos da festa organisada pelos academicos de direito e que se realizou no Club A. Paulistano. Estas alli de cima olharam firmes para a objectiva de "Arlequim", e só a primeira esboçou um sorriso. E que sorriso!

Prestar... continencia! Com o dedinho assim separado, senhorita, é contra o regulamento. Desuna, tambem, um bocadinho, as pontas dos pés. E agora diga ao "seu" lindo "companheiro" que não é só "elle" que sabe ter altitudes militares.

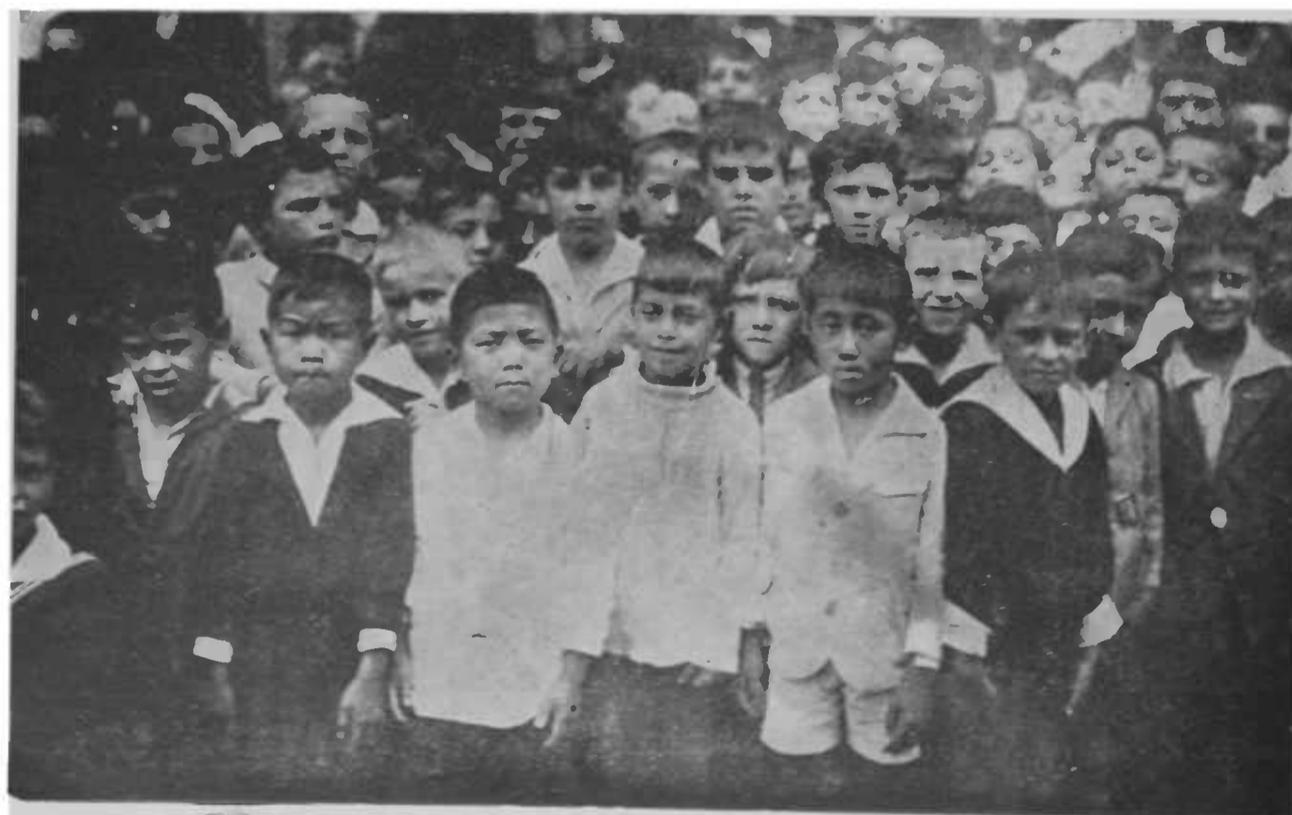
Dois grupos de alumnas do professor Mangini, que realizaram um concerto no studio da Radio Educadora Paulista. Nessa noite, com certeza, a S. Q. A. G. esteve mais bonita e melhor. Pudera! Havia lá tanto rostinho bonito!

Sorrisos bregeiros. Olhos grandes e bonitos. Violões. "Arlequim" só se admira de uma coisa: como consegue um homem, cuja carne deve ser fraca como a de Pedro, ficar tão serio no meio de tanta moça bonita.

Na Curia Metropolitana

Estas moças todas tomaram parte na reunião litero-musical, que se effectuou na Curia Metropolitana em beneficio das obras da nossa Cathedral. Bendita cidade, cuja cathedral se contróe á custa de sorrisos e de accordes.

Estas, tambem, e os seus esforços são duplamente meritorios. Levantam um templo brasileiro com musica brasileira.

NO GRUPO ESCOLAR DO CARMO — Manifestação a benemerita paulista d. Izabel von Ihering, doadora do gabinete dentario daquelle grupo, no dia do reinicio dos trabalhos da Assistencia Dentaria Escolar. Vêem-se na photographia, alem da homenageada, monsenhor Manfredo, o dr. Campos de Oliveira, illustre inspector dentario escolar, e o professor Orlando Braga, director daquelle Grupo.

Dois aspectos da mesma festa

CINERAMA

O cinema é o sonho facil, barato e maravilhoso de uma civilização ingenua, tola e paradoxal. O cinema copia a vida, deturgando-a para nosso encanto, para satisfação do que ha de pueril e romantico no fundo de cada um de nós.

Geralmente o film é o um flirt. E' o relato das aventuras que se intercalam entre um amôr que nasce e o casamento. E por isso que o cinema é uma diversão animadora os films param, medrosa e cautelosamente, ás portas do matrimonio, ou de um beijo reconciliador.

O cinema vende, todas as noites, a fantasia convincente de uma humanidade melhor, irreal, illusoria, em que seria bom viver-se. Por trinta tostões o vicio é pisado com os bigodes insolentes e os desejos cupidos de um cynico qualquer.

Por trinta tostões a virtude se encarna, o que nem sempre é facil — numa amoravel e casta donzella, num bello e forte rapaz.

Por trinta tostões devassamos vidas alheias, penetramos segredos d'Estado, somos admittidos á intimidade de principes e reis, conhecemos mulheres lindas e libertinas.

Ciladas descobertas, perigos affrontados, e a virtude que vence, por atacado e á varejo, avariada, ou não, mas imperturbavel e seguramente.

A apotheose do fraco é um consolo porque a maioria é fraca.

Por trinta tostões o cinema ensina as attitudes que convêm ás mais variadas circumstancias. A fuga á moça que é beijada, o alcool ao rapaz que briga com o pae, a discreção nas confidencias, as audacias, os desdens, tudo com os respectivos trajes, gestos e momentos.

O cinema regorgita porque não cansa; desperta, aguilhôa a nossa imaginação e antecede-a nos resultados; vae mesmo além do que ella ousaria desejar.

Elle provoca sentimentos para satisfazel-os com generosidade, é optimista, é bom, é animador.

Em seus primordios, entretanto, o cinema foi menos generoso e sabio, o publico, consequentemente, adorava-o menos.

Os terriveis dramalhões italianos em que a tragedia estava toda no descabellamento das "estrellas" e espectaculosidade dos gestos, cheios de assassinatos, de incendios, de amores illudidos, amargavam a vida da platéa.

As costureirinhas davam-se ares de Pina Menichelli, de Francesca Bertini, e só admittiam moços de olheiras fundas, desregrados, loucos de amôr. O bom negociante, o advogado mediocre, o medico sem clientella, eram martyrisados pelo desequilibrio entre uma vida insonsa e aquellas noites bacchanicas em que cada olhar era um desejo escaldante, cada gesto uma volupia infinita. O cinema, então, não consolava — excitava. Não attrahia como um divertimento, mas tinha o sabor forte do peccado. Foi a época da "Mulher Nua"

Drama com prologo, epilogo, dezenas de actos, envenenamentos, repudios, etc....

A cinematographia italiana deve ter contas muito sérias a prestar ao Altissimo... Quanto desejo peccaminoso não se terá escripto no livro da celeste contabilidade cuja culpa recahe, toda inteira, sobre as Pinas e as Francescas!

Em completa e louvavel decadencia o cinema italiano é immutavelmente ridiculo, pesado e grosseiro... como veremos no proximo numero.

PEDRO HORTIZ

Manoela Matheus, intelligente artista, que São Paulo tanto conhece e admira. Como estrella principal, Manoela Matheus reapparecerá por estes dias ao nosso publico.

Ivette Rozolen,
actriz-cantora,
que está chegando
com Lia Binatti.
Bonita e intelligente,
Ivette sabe conquistar
o applauso de quantos a vem.

Candida Rosa,
tambem da Grande Companhia
de Revistas do Theatro Recreio.
Vendo o seu sorriso e os seus olhos
a gente é capaz de jurar
que Candida Rosa
vae ganhar
muitas palmas em S. Paulo...

LIA BINATTI,
que estreará, no dia 23
do corrente, no Casino Antarctica,
como estrella principal da Grande
Companhia de Revistas do Theatro Recreio

QUARTA-
FEIRA
DE CINZAS...

Depois de tamanha orgia, de tão grande festa,
cinzas em cruz sobre a testa

Estruge o Carnaval!
Moços de miôlo mólle, mascarados
e fantasiados
de "cow-boy" de cigano, de palhaço
ou, simplesmente, de homem
passam, numa algazarra arlequinal
e, na vorágem da folia, sómem.

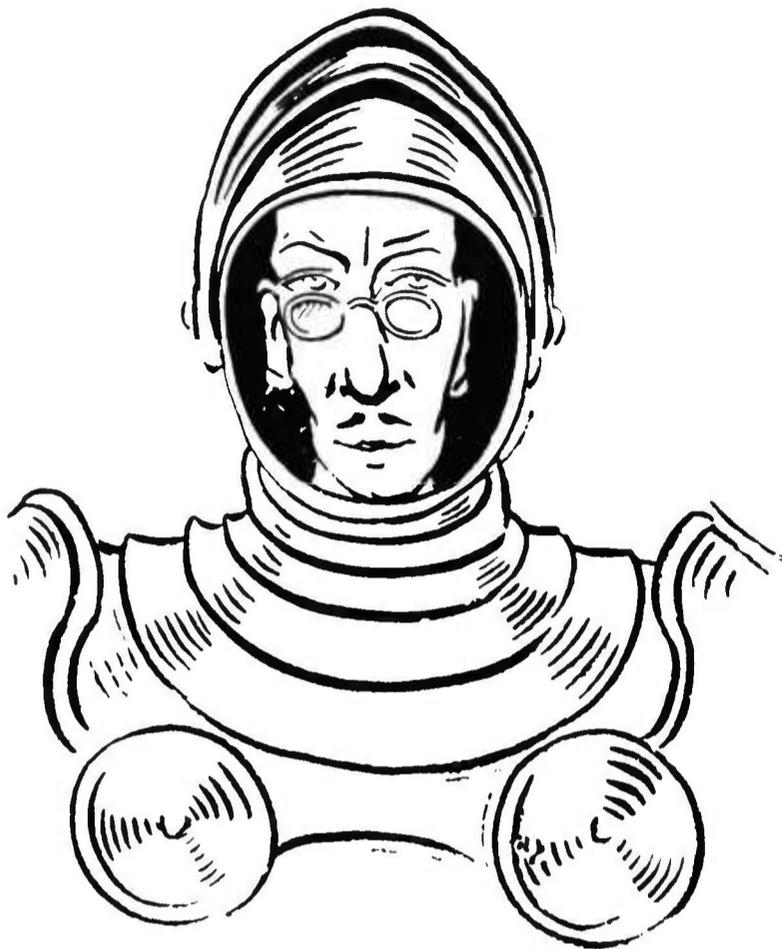
Pierrôs apaixonados,
de olheiras fundas e de ar enigmatico,
tontos de somno e mortos de cansaço,
cochilam encostados aos lampeões,
taciturnos, lunaticos.

Grupos de Colombinas irrequietas,
palradoras,
como bandos de incautas borboletas
pluricores,
chegam, entoando lubricas canções
e seguem, tentadoras,
meneando o corpo e offerecendo amores.

Não ha reservas nessa festa louca:
todos são conhecidos.
Ha risos saltitando em cada bocca,
em cada bocca ha beijos escondidos.

Esplende o Corso!
Estalam gargalhadas argentinas.
Os automoveis enfeitados, pelas ruas
e avenidas,
sob o ataque infernal das serpentinas
deslisam, ostentando sobre o dorso
donzellas semi-núas,
moças semi-vestidas.
— Quadros voluptuosos, luxuriantes,
cheios de encanto, de lascivia cheios —
os autos são mostruarios ambulantes
de pernas e de seios.

Passou o Carnaval!
Depois de tamanha orgia, de tão grande festa.
a penitencia habitual:
CINZAS EM CRUZ SOBRE A TESTA!

HERCULANO VIEIRA

Daremos o proximo numero de "Arlequim" no dia 1 de março. Registaremos, então, todas as festas realizadas em S. Paulo durante o Carnaval, dedicando varias paginas ao grande baile que se realizará hoje, promovido pela Sociedade Harmonia, no Theatro Santa Helena.

Publicaremos, tambem, nesse numero, os aspectos principaes do corso da Avenida e do Braz.

A' QUE ME VIU MASCARADO

QUERIDA F

Talvez, minha doce amiga, lhe cause estranheza o facto d'eu escrever-lhe nas vesperas desses dias barulhentos em os quaes toda você, toda essa sua adoravel pessoinha de Rosenthal, se movimenta a traduzir os reflexos gordos da porcelana por meneios e requebros alegremente desmesurados. Porque, positivamente, é muita ousadia minha, é muito convencimento meu, suppor que em meio todo o alarido multicôr dos confetti você se vá dar ao cansaço de escorregar os seus olhos por sobre estas letras, esses seus olhos que acolhem gostosamente o epitheto que o Machado descobriu com a sabia felicidade delle para os esquivosos da dissimulada Capitú...

Mas, devido justamente a essa petulancia que você entreverá nesta minha disposição, é que eu tenho a certeza de que você me lerá até o finzinho, açulada pela curiosidade que lhe jactita no intimo, anciosa por perceber o motivo forte que me compelliu a praticar esse pequeno absurdo. Entretanto, minha amiga, — e creia-me, pois lhe falo neste instante com aquella minha rudeza de opiniões que por vezes tanto lhe melindra a delicada susceptibilidade —, não foi com o intuito de acordar a sua curiosidade feminina, a qual, você me perdôe, embora as reiteradas negativas affirmações suas e o esforço que você gasta para disfarçar, ainda transparece indiscretamente por entre as suas discretas attitudes —, que eu resolvi conversar consigo hoje Tampouco me animou o desejo de mostrar a você a pretensão que, porventura, eu acarinho de que você tanto se preocupa com a minha bohemia physionomia que a despeito de quaesquer conjuncturas, de quaesquer situações em que você se encontre, dará, in primo, a sua instavel attenção ao que a ella se reportar. Não: não é a nenhuma dessas duas hypotheses que você está estabelecendo e alimentando ahi dentro dessa sua irriquieta e viva cabecinha que se refere a razão desta minha prosa inopportuna. Porque, si o fôra, você teria, desde logo, onde se estribar para apodar-me de falso e vaidoso — offensor impenitente de preceitos socraticos e censurado implicitamente pelo refrão do Ecclesiastes — Vanitas, vanitatum...

Remonte áquella noite em que você, na varanda da casa da sra. X., namorando o repuxo esguio do jardim — que não sonhava o claro da lua como os do poeta, porque não havia lua, mas dansava ao som da "jazz", que lá dentro movimentava as sedas e os perfumes e os sorrisos —, e você terá a causa desta carta. Verdade que lhe estou a pedir uma coisa assás difficil — que você se recorde, que você se lembre do que me falára então! Pedir isso a você, cuja memoria não me parece seja das mais solidas e que, felizmente, fala tanto e com uma tão deliciosa irreflexão; pedir isso a você, que se não esquece que viveu hontem, apenas, porque já está vivendo o amanhã, é rogar-lhe quasi um impossivel. Porém, minha bôa amiga, para que tudo que acabo de dizer-lhe não pareça aos outros e a nós mesmos, um méro psitacismo, é preciso que você se concentre um poucochinho, que metta as suas afiladas mãos a comprimir sua borboleteante cabecinha, a vêr si apertando os seus graves pensamentos venham elles a evocar-lhe, inda que desbotada, a nossa prosa da varanda...

Uma vez isso feito, você não só terá atinado no porquê de toda esta minha lenga-lenga, como tambem terá percebido que ella é um protesto Sim, minha F., um protesto: um protesto á sua imaginação que já me estava fantasiando, antes mesmo dos dias que facultaram ao homem para que elle se exhibisse na exhuberancia primitiva de suas paixões, quasi que sem o contrôle da moral, escudando-se em declarações aprioristicas de que você se achava empolgada pela frieza da analyse perucieute ás coisas e aos homens empregada pelos stoicos. E não era somente a minha individualidade que você mascarava, desconfio que a sua propria, você a affirmava assentando-a em um estado de espirito passageiro, mas ao qual, devido a esse enthusiasmo infantil com que acata tudo quanto lê onde encontre pontos de referencias com a sua ingenua e intuitiva maneira de pensar, lhe dava a illusão perfeita de ser o seu verdadeiro e perduravel feitio.

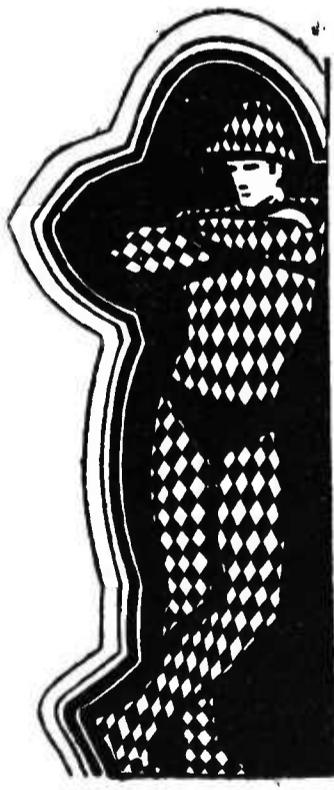
Felizmente, que da analyse ao seu proprio sêr, da introspecção que fez, você tirou illações que a mim, que lhe conheço o caracter em toda sua virgindade, sem atavios exteriores a frustrar o julgamento, me pareceram erroneas. Felizmente, porque a personalidade que você se deu, não é das mais sympathicas e depois porque me reforça a supposição de que a que você me criou, tambem seja resultado sincero daquelle seu estado de espirito adventicio: portanto insustentavel.

E embora, minha bôa amiga, eu não queira contradictar a opinião do escravo-philosopho, cujas idéas lhe têm injectado laivos de scepticismo, quando elle estabelece que o "papel que devemos representar nesta comedia da vida é-nos escolhido por outrem" — o qual, para raciocinar por essa forma, devia ter razões de sobra, — peço-lhe venia para declinar do papel que me impoz, imputando-me aquellas caracteristicas, que pouco ou nada se coadunam com o meu real temperamento.

Portanto, para que me conjecture particularidades mais consentaneas com minha indole rogo-lhe que, de hoje em diante, me não perquira os refolhos intimos com a impassibilidade da analyse stoica, que é incompativel com o seu vibratil temperamento "d'enfant gatée", dos tempos modernos. Ao contrario, quando tiver de fazel-o, faça-o deixando sua intelligencia ser levada por todos esses arroubos sentimentalmente expontaneos e que fazem de você a mais amavel das criaturas. Assim, eu entrarei confortavelmente dentro da personagem que sua imaginação para mim conceber, uma vez que sou dos que pensam ser pela imaginação alheia que nós vivemos...

Antes disso, antes que você me institua por você propria, sem injuncções estranhas, a parte que me cabe no palco dessa vida, eu irei sendo a figura apagada que tenho sido, mas irei sendo eu...

Beija-lhe as mãos com affectuoso carinho, o seu

REIS JUNIOR

Schubert e Marcello Tupinambá

Na éra gloriosa do romantismo os romanos introduziram na França os canticos de Amor. Por sobre os balcões das castellãs fechadas nos seus castellos, os senhores de baraço e cutello, ao invés de dizerem dos seus feitos guerreiros, espalhavam versos amorosos. Dentro, fechadas a sete chaves, as castellãs suspiravam pelos guerreiros — senhores do mundo que, depois de vencerem os homens, batidos pela guerra, vinham de longe se confessar vencidos pelos seus encantos. Sob o luar (o luar sempre foi um creador de poesia) os guerreiros, de longe, soltavam, de improviso, frases de galanteio.

Os francezes se interessaram por esse genero que lhes era inteiramente desconhecido, dentre elles surgindo adeptos da nova poesia. Deram-lhe o nome de romance, que significava a poesia romana, poema em versos simples, e curto, baseado em assumpto commovedor e proprio para ser cantado. Mas esse genero, creado por cantores populares, teve pouca duração. Extinguiu-se por completo, delle não ficando mais que a sua lembrança. Ainda mesmo assim, esse curto movimento literario irradiou por toda a Europa. Logo depois o encontramos na Allemanha, onde o romance apparece sob a denominação de **Lied** (plural lieder). A sua significação mais vernacula, segundo Alfredo Bensaude, é "poesia lyrica que, pela sua grande simplicidade, necessita de musica para a completar". Ou ainda: "Melodia tão ligada á poesia, que os elementos musicaes da lingua (rythmo, accentuação) lhe sirvam de pontos de referencia". Até ahi os povos allemães, como quasi todos os povos, entoavam canticos de guerra. Ao depois, já no tempo da Reforma, espalharam-se por toda a parte os canticos religiosos.

E' curioso notar que as phases em que na Allemanha se intensifica o canto popular, coincidem com as phases épicas do povo. Assim como os canticos religiosos teem grande incremento ao tempo da reforma religiosa de Luthero, os canticos guerreiros e mesmo os populares rapidamente se propagam nos periodos de guerra. Depois de 1789, quando os soldados victoriosos da Revolução Franceza invadem os Estados Germanicos os povos allemães, formando ao som das trombetas de guerra, veem para as ruas e cantam os seus **lieder**. Por entre o povo apparece uma verdadeira e espontanea legião de poetas. Na poesia de Goethe renasce o velho sentido germanico. Com Heine, o maior poeta vem representar o apogêo da poesia allemã. Todo o povo canta. O povo allemão é um povo cantor por excellencia. Elle canta nas festas, nos serões de familia, nas ruas, e a mocidade das escolas vive a cantar. Uma rima solta allemã aconselha: "demora-te a vontade onde se canta, porque os máos não teem canções" o que Bensaude diz ser exaggerado, evidentemente, porque se assim fosse todos os allemães seriam excellentes creaturas, pois todos cantam mais ou menos, ao contrario do que acontece com os povos latinos, em que apenas as classes populares cantam espontaneamente.

Até aqui o que me tem interessado no povo allemão é tão somente a poesia, pois ella de ha muito se distanciára da musica, formando uma arte a parte. Porém na phase de intensificação do canto popular, era fatal que a melodia musical viesse para elle occupar o lugar que naturalmente lhe pertence. O **lied**, então, é completado pela musica. Franz Schubert, apparecendo no momento preciso, afinando-o, dá-lhe outra finalidade esthetica. Musicando versos dos maiores poetas nacionaes, Schiller, Goethe e Heine, estyliza os cantares do povo. As suas canções, como "A Linda Molleira" e "A Viagem de Inverno" são cantadas por toda a gente. Antes delle musicar os versos dos poetas da sua patria, musivos de grande valor já o tinham feito, mas como para musical-os procuravam interiormente a expressão musical, a alma do povo allemão nelles não se reviu. Talvez, por isso é que Beethoven, já no seu leito de morte, lendo uma das suas creações, murmurava: — "Na verdade esse Schubert possue a scentelha divina

A musica brasileira, no começo do Brasil-Colonia, veio transplantada de Portugal. Ainda hoje, aqui e alli, no cantar do povo se descobrem reminiscencias da modinha lusa. Aqui, sob o sol dos tropicos, com moldura mais exhuberante, de mistura com o rythmo selvagem do indigena, e ao depois com toadas plangentissimas trazidas pelos negros africanos, tomou novos rumos, guiada por ideaes completamente diversos. A sua adaptação tinha de ser lenta e segura. A melodia portugueza, afinada durante quasi um millenio; o cantar tristonho do negro africano; e as danças barbaras do indio, sob o sol americano, por entre a vastidão das nossas mattas, haviam de se amalgamar e desbastar-se atravez dos tempos, para dar a resultante que viesse exprimir os nossos anceios e indecisões. Por muito tempo, porém, os tres rythmos baralharam-se em vão. Musicas nossas havia quasi todas na essencia completamente differentes. Nenhuma caracteristica as marcava. No norte, no sul e no centro do paiz, a nossa musica era diversamente sentida. Se alguma das suas tres componentes por vezes sobresahia com maior intensidade, era a trazida pelo africano. Os sambas e cateretês agradavam mas não se gravavam na sensibilidade popular. Se alguma cousa tinhamos realizado no terreno da cultura, essa alguma cousa deviamos unicamente aos cerebraes. Os nossos grandes musicos e até o genial Carlos Gomes fizeram musica universal. Mas todos sentiam que havia entre nós qualquer cousa imprecisa e vaga, que bem podia a nós mesmos nos revelar. Talvez pensando assim, o saudoso Alberto Nepomuceno voltou-se para o canto em portuguez. Mu-

sicou "Dona Alva, minha senhora. . A principio era apenas sympathia" e outras canções. Fel-o voltando-se para dentro de si mesmo, indo buscar inspiração na sua propria cultura musical.

Logo em seguida surgiu Marcello Tupinambá. Appareceu musicando os cantares simples do povo. A poesia anonyma teve nelle o seu interprete. As suas toadas ingenuas, os seus tangos e maxixes, traziam todos o cunho sincero de uma personalidade. Logo as suas primeiras composições, com uma rapidez entre nós nunca attingida, ao tempo em que eram executadas nos salões, vieram para as ruas. Toda a gente as sentiu.

E' que elle se tinha endereçado á alma do seu povo. Descobrindo a linha melodica brasileira, tirára a resultante dos tres rythmos diversos.

Depois de senhor seguro da nossa melodia, decidiu fazer a ultima parte do programma a que se tinha proposto. Voltou-se para os nossos poetas e os musicou. Para isso contou com tres elementos indispensaveis á obra de tamanha monta: — a melodia brasileira, os elementos musicaes da lingua (rythmo e accentuação dos versos) e o "motivo" da propria poesia a musicar.

E ahi está porque, como Franz Petter Schubert, na Allemanha, Marcello Tupinambá no Brasil completou com os seus **lieder** a poesia lyrica do seu povo.

BRENNO PINHEIRO

CARTAZES

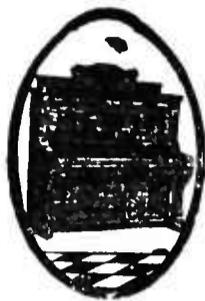
DE

Paulo Mendes de Almeida

O REI DOS AUTOMOVEIS!
O MELHOR CHOCOLATE!
A PRIMEIRA AGUA DE MESA!
HOJE !HOJE! O GRANDE FILM "ALI BABÁ"!

E no turbilhão da grande avenida,
perdido entre a multidão,
o ouvido resoante do ruido intenso,
vendo o apaga-e-accende dos cartazes luminosos,
fico a pensar na inutilidade da reclame..

Si ha tantos annos,
sem o menor resultado,
eu trago acceso, em grandes letras luminosas,
este cartaz berrante, nos meus olhos:

MULHERES! ATTENÇÃO!
PEÇAM PROSPECTOS!
EU VOS DOU QUASE GRATIS
O PRIMEIRO, O MELHOR DOS CORAÇÕES!

APOLOGIA DA MENTIRA

Perdão, meu amigo, eu não bebo. Actualmente tenho mais prazer em ver o gosto do alcool do que em senti-lo no paladar. Amo, em demasia, a clareza das minhas idéas, enciumo-me de tal arte de mim mesmo, de tal maneira me envaidece o dominio das minhas faculdades que não trocaria esta delicia pelas da embriaguez. O vinho, amigo, é a verdade; eu temo o vinho como temo a verdade.

Não abane a cabeça, nem me chame de paradoxalista.

Vaes começar a vida: amanhã tomarás posse de teu cargo e a carreira se te apresentará com todas as tentações da ascenção. E' mister, pois, que um amigo mais velho te levante algum tanto a pontinha da vida, te entregue as chaves do thesouro e te revele os sèzamos de todos os paizes encantados. Queres saber qual é esta palavra magica?

E' a Mentira.

Não morda assim o labio inferior, nem vinques a commissura da boca. Não serei eu o primeiro, nem o ultima, a te dizer isso. A Mentira: eis o segredo do bom exito.

"Mente, mente, mente" — algo ha de remanescer. O sabio que vulgarizou esse aphorismo — mais velho que o peccado original — não era apenas um anticlericalista; era um profundo conhecedor da alma humana e, sobretudo, um descobridor dos filões secretos do bom exito.

Já terás ouvido o juizo que, na Europa, fazem do italiano: o peor dos soldados e o melhor dos diplomatas. De todas as guerras e de todos os Caporetos, elle sempre sabe tirar bom partido porque tem covardia tão grande, como grande o poder de mentir.

Talvez não estarás de accordo commigo a respeito dos italianos. **Sed relata refero.**

E passemos a melhor.

A verdade é estatica. Collocada no fastigio de seu pedestal, num paraiso de paraliticos, ella immobiliza tudo em derredor.

Não sou um sceptico, creia-me. Acredito em muitos dogmas tanto na vida, como na sciencia. Mas de todos, não direi o maior, mas entre os maiores, tenho para mim, é o Dogma da Mentira.

A Mentira é dynamica e ao seu bafejo creador, como o do Anjo do Genesis, fecunda os logares por onde passa.

Queres conhecer casos praticos? Nada mais facil.

Colloca na politica um sujeito que não saiba mentir, que não seja diplomado na Mentira. Esse não passará de segundo secretario de embaixada.

Ponha no balcão um empregado que não saiba mentir, que não tenha passado nos exames da Mentira. Que acontece? Não venderá um alfinete.

Encerre num consultorio, um esculapio que

ignore a therapeutica da mentira. Não haverá mais doentes.

Poderia multiplicar esses exemplos se já não lesse nos olhos do meu amigo a convicção, a conversão á minha theoria.

Entre parenthesis: chamo de **minha** não porque a tenha inventado ou porque lhe haja tirado a patente; mas porque me apaixonei por ella e hoje faz parte integrante de minha natureza.

Temo faltar á Mentira como outros temem faltar á Verdade.

Ainda não disse a razão principal porque não bebo.

Has de lembrar que fui grande bebedor. Esta mesma taberna do "Pato", a cuja mesa nos abancamos, já foi outrora theatro de muitas borracheiras minhas.

Se consegui libertar-me da escravidão alcoolica, devo-o á experiencia alheia. (Sou um dos raros especimes humanos que não têm experiencias proprias.) Saberás que, numa noite de tempestade, ha cincoenta e dois annos atraz, converti-me á Religião da Mentira.

Antes que lhe conte o successo faço notar que, na minha religião, não se pratica a Mentira, a que chamarei **positiva.** Sou negativista e apostolo apenas **a negação da Verdade.**

Não sei se me entendes a subtilidade. Quero dizer que não minto des-ca-ra-da-men-te; pelo menos, não minto sempre; limito-me a não professar a verdade. Eis um dos pontos em que a minha opinião diverge da de certos correligionarios.

Ha cincoenta e dois annos, como ia dizendo, nesta mesma taberna, junto a esta mesma mesa de marmore, deante de meu whisky, vi entrar um personagem que jamais se me delirá da memoria exactamente porque foi elle o apostolo inconsciente da minha conversão.

Tinha tres fios de cabello na calva encerada, um ousado nariz armado de oculos, um corpo ossudo dentro de um terno kaki.

Sentou-se, bradou pela canninha, e tirou á sacola de viagem um maço de cartas que resistira ao surro de meio seculo.

A nossa taberna tinha um limitado numero de frequentadores. Conheciamo-nos pelos nomes, ou melhor pelos appellidos caseiros, e nunca penetrara alli um typo tão mysterioso.

Homens ha que possuem o condão do silencio; são creadores do silencio assim como a machina pneumatica é creadora do vacuo.

Esse pertencia, de certo, a alguma estirpe de feiticeiros porque ninguem mais falou desde que elle entrou a sala.

Lá fóra a tempestade rugia a sua colera e estalava a alameda de casuarinas.

Dois moços estavam já sentados deante delle e o desconhecido ia trocando as cartas. A sorte fascina os jogadores e a revelação do futuro descerra paraizos na alma alvorecente do joven.

Eis porque ninguem admirará que tivessemos abandonado os postos primitivos para fazer um circulo derredor do advinho.

Calmo, hieratico, quase funebre, elle ia bebendo, e dizendo:

A este:

— Herdará fortuna de um parente ignorado no...

A' aquelle:

— Casar-te-ás com uma linda mulher, filha de extrangeiro..

As horas escoavam-se serenamente; e como as horas, as sortes, nos labios do advinhador.

Alli porem pelas alturas da meia noite, um grande clarão illuminou a sala e um raio estrondou no paiol contiguo.

Quasi ao mesmo tempo ouviram-se vozes á porta e um bater de esporas no assoalho.

Dois individuos haviam entrado.

Reconhecemo-los pelos nomes e se não os saudamos festivamente, era porque uma grande oppressão, fructo da insonia e do jogo, nos invadia naquella noite a todos.

Mas pensavamos: agora é que o cartomante ha de enganar-se..

Os recemchegados postaram-se deante delle, pediram-lhe a sorte. O homem dos tres fios de cabello, cortou as cartas, baralhou-as e leu. . Que teria tido elle? Porque titubeava? Porque balbuciara qualquer cousa inintelligivel? Porque recolheu as cartas, offegando? Porque tremia?

— Fale! Fale! bradaram os recemvindos.

O cartomante empallidecêra.

— Vamos duma vez! gritamos-lhe todos, enfarados com aquella enscenação.

O homem mysterioso disse que não, que não podia, que não devia falar; estava perturbado; seria imprudencia...

Então (oh! como tremo ao conta-lo) dois interlocutores avançaram para o homemzinho e, pallidos tambem, roquejaram-lhe:

— A verdade! Diga a verdade!

E nós vimos, nesse instante, o bruxo que se levantava lentamente, lentamente como um phantasma (nunca o suppuzemos tão alto) e hirto, mãos sobre a mesa, de olhar duro e fulgurante, deixou cahir, uma por uma, estas palavras tremendas:

— Quereis ouvir, ó desconhecidos, a verdade?. Pois bem eu vo-la revelarei. . Oh! nunca vo-la tivesse declarado!. Vós. Vós morrereis nas galés!.

Um vacuo de silencio. Depois, um rugido de fera:

— Canalha!

Os dois julgados crescem para o intruso. Jugulam-no.

Bofetadas. Um corpo duro que tomba, que é arrastado. Ossos que estalam. Um gemido: soccorro. Tinem copos. Mesas rolam. E a voz do taverneiro. Pragas dos atacantes. Os brados apatetados dos circumstantes. O tonitroar da tempestade. A lampada que se apaga...

Quando ella se accendeu de novo, no meio do pasmo e da consternação geral, os dentes quebrados a tacão, a lingua cortada a punhal, dentro de uma poça de sangue, o das cartas era cadaver

Desde essa noite, caro amigo, nunca mais tornei á taberna do "Pato". Fiz-me abstemio. Mais. Converti-me á Religião da Mentira.

No meu Diario, exactamente, ha cincoenta e dois annos atraz, escrevi uma sentença que te pode ser util: "Amicus Plato, amica Veritas, sed magis amicum MENDACIUM"

NEGREIROS DE CASTRO

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

V

Era em Fontainebleau. Folgava a corte, olympica e feliz. Assim teria dito Macedo Papança, o homem que, alem de fazer versos, carregou com o nome mais feio que tem apparecido em Portugal; mas, para compensar, foi um republicano que morreu monarchista e conde como ninguem.

Pois foi em Fontainebleau. O grande rei Luiz, enfastiado num banco do jardim, começou a passear a sua luneta pelos grupos das damas e fidalgos. (Nenhum historiador, até hoje, disse em que pensava o Rei-Sol, nesse momento de fastio; a nós nos parece que elle devia estar achando todos uns idiotas.) Então, pela primeira vez reparou no homem anatomico; esqueceu as cabelleiras, os mantos, as casacas, o pompear do matiz das sedas e só viu a perna humana. Pela primeira vez o grande monarcha reparou num joelho. E parece que não ficou contente porque, em seguida, mirou tambem os seus, sorriu contrafeito e, com passos de rei, e sól de lambujem, atravessou por entre as zumbaias do pessoal e desappareceu nos corredores do paço.

Logo depois, segundo um chronista tão authentico como os outros, mandou vir á sua presença o regio alfaiate a quem recommendou:

— Mestre Etienne Bastier, amanhã vestir-me-hei com calções que desçam abaixo dos joelhos, presos por uma fivela. Os calções actuaes — acima dos joelhos — estão abaixo da critica e dos requintes da minha Corte. Acabo de observar que joelho de gente é irremediavelmente torto e feio. De ora em deante não andarão mais á mostra, para tranquillidade do meu bom gosto.

E' desnecessario dizer-se que Bastier e outros alfaiates se esfalfaram para vestir a Corte, mas é preciso que se diga que, no dia seguinte, os fidalgos todos riam e folgavam louçanamente, nos ocios entretidos de um "dolce far niente" (Papança), trazendo calções presos abaixo dos joelhos por uma fivela de oiro. . E dahi por deante, ninguem mais viu joelho, em França, a não ser Victor Hugo, que, muito mais tarde, conseguiu ver o joelho das almas!

Tinha immenso bom gosto e toda a razão, o rei ousado e galante — joelho de gente é uma coisa irremediavel, e nós accrescentamos — joelho e cotovello, cotovello e calcanhar.. Tudo, emfim, quanto faz angulo, no corpo humano, é detestavel! As inglezas e os inglezes são os mais feios especimens da raça humana, porque são as pessoas mais angulosas do mundo; de certo é por isso que tudo que vem da Inglaterra é anglo...

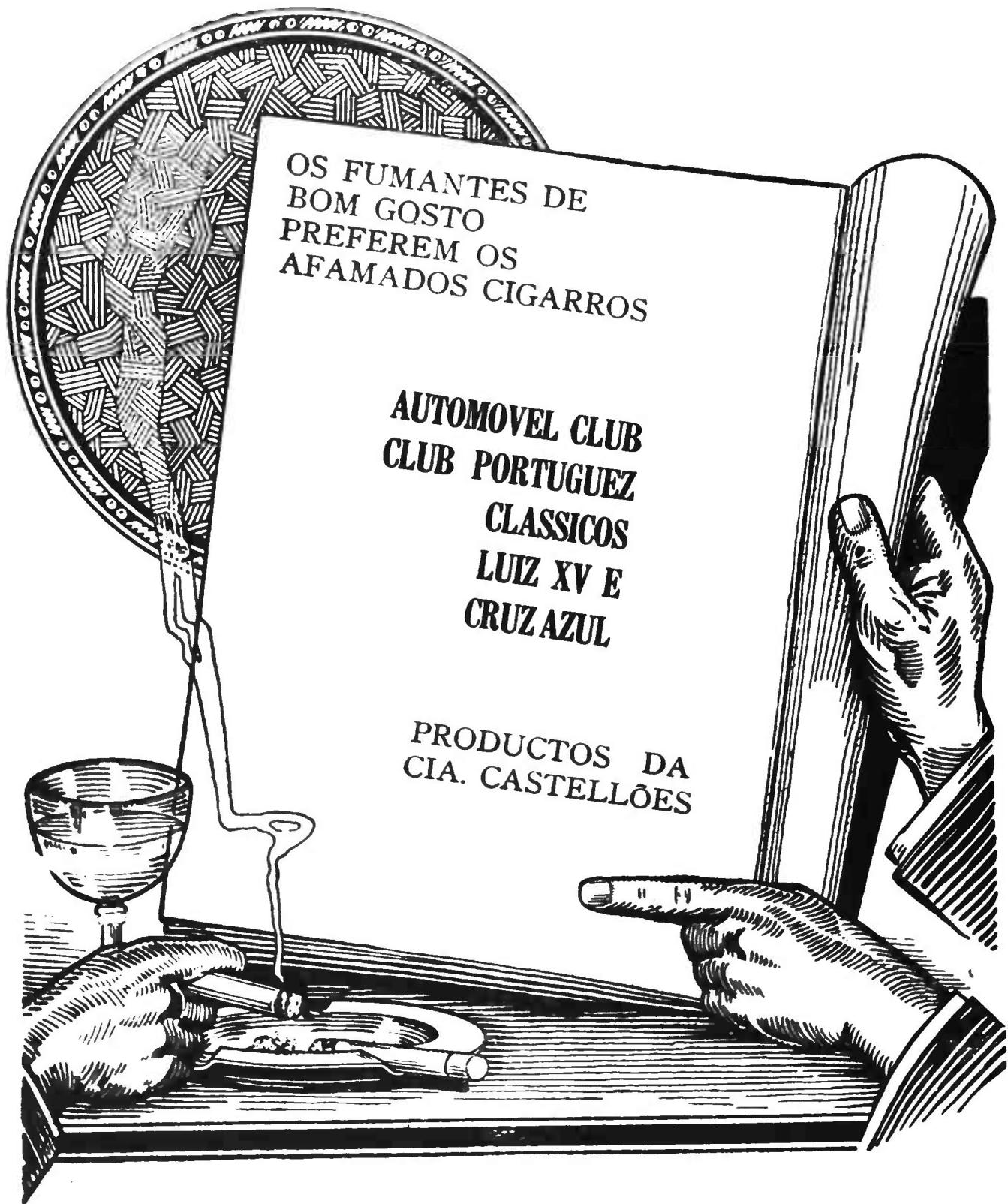
Dos tempos de Luiz XIV para cá, joelho não tem progredido de modo nenhum — continúa torto como dantes. Se nalguma coisa se modificou foi só no nome, deixando de ser giolho. Se elle continuasse a se chamar assim, até hoje, de certo estaria mais torto, mais encardido e mais ossudo. Para se chamar de giolho uma parte do corpo humano, só mesmo o joelho — deprimido atraz, encaroçado adeante — inchado como cara de dor de dente.

Vocês, meus irmãos, neste capitulo de joelhos aviltantes, são horrendos! Vocês levam as meias até abaixo da rotula, as cuecas um pouco acima e ostentam, na sua impudencia, verdadeiros giolhos quinhentistas — vergonha dos athletas e dos estatuarios. Por muito que vocês embelezem o proprio corpo por meio de gymnasticas dolorosas; por mais que vocês apurem as elegancias da pose — o joelho á mostra ha de ser sempre uma careta da fórma!

Pois isso que chocou um rei de bom gosto e é o pesadelo dos esthetas; essa coisa que deveria andar occulta para sempre porque é a vergonha anatomica da especie, é hoje moda entre as moças, andar á mostra! Si as que trazem vestidos acima dos joelhos — e são tantas! — vissem de lado e de longe a figura ridicula que faz o seu joelho inchado e torto, no conjuncto harmonico do seu bello corpo, tapariam o rosto por vergonha e os joelhos por bom gosto.. Pobrezinhas, meus irmãos, bem mais infelizes que vocês ellas são! Vocês exhibem a joelhama na selvageria do campo e ellas. . na egreja, compungidas e cabisbaixas. Vocês já viram as moças rezando num genuflexorio? Pois é ahi onde ellas mostram os seus angulos mais agudos, dobrando-se em tres partes — o cotovello para deante, como gallinha; o joelho para traz, como gente, e os calcanhares para baixo, como ninguem. E tudo isso — menos calcanhar — nú, enrugado, roxo ou cinzento, conforme a hora ou o atrito.

Se nós fossemos Luiz XIV em defesa do bello, da elegancia e do bom gosto, não consentiriamos que as mulheres andassem com vestidos acima dos joelhos, nem com mangas acima do cotovello.. Giolho de moça não sabemos com o que parece, mas cotovello é sem tirar nem pôr um joelho de corynthian.

Perdoem, irmãos pacientes e generosos, a pouca sizudez deste assumpto; perdoem, numa epistola evangelizadora, a intromissão do joelho humano dos homens e deshumano das mulheres! O pleno carnaval em que estamos deve justificar a nossa falta e a toilette das mulheres... Uma moça de hoje, vestida, é ver o soldado romano que levou agua para o Pilatos lavar as mãos: cabello curto, pescoço de fóra, braços de fóra, pernas de fóra — só falta apparecer a bacia e o jarro...

PAULO DE S. PAULO

ESTABELECIMENTO
GRAPHICO
PHŒNIX
RUA DO CARMO, 72